

E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2440
3/AGOSTO/2019

JOGOS
SORTIDOS

12 PÁGINAS DE PASSATEMPOS
PARA OCUPAR O SEU VERÃO

+

Manuel Salgado
Entrevista
ao arquiteto
de Lisboa na hora
do adeus à política
Por Nelson
Marques

Amizade improvável

Foi a 'geringonça' que os uniu. Marcelo Rebelo de Sousa e Ferro Rodrigues, Presidente da República e presidente da Assembleia da República, estão mais próximos do que nunca. Uma tarde à mesa com as duas principais figuras do Estado. Por Ângela Silva (texto) e Nuno Botelho (fotografias)



USE ESTE CÓDIGO PARA LER OS CONTEÚDOS
DIGITAIS EXCLUSIVOS DO EXPRESSO EM
LEITOR.EXPRESSO.PT OU NA APP EXPRESSO

SAPOJORNALS





O país é diferente. A vida de luxo é a mesma

Ouvem dizer que Lisboa é o novo Leblon, o bairro sofisticado do Rio de Janeiro onde vive a elite carioca, desesperada com a crescente onda de violência nesta cidade. Há cada vez mais milionários brasileiros a atravessar o Atlântico



TEXTO
CATARINA NUNES
FOTOGRAFIAS
PEDRO NUNES



imagem de Portugal de país desinteressante, atraído e fora de moda está a dissipar-se na cabeça dos brasileiros, em particular na dos milionários, que deixam o Brasil e rumam de braços abertos para o ‘país irmão’. Seja para fugir da crise e da insegurança, ou da Operação Lava Jato. Por cá, e com dinheiro sem limites, replicam o estilo de vida que trazem de São Paulo ou do Rio de Janeiro e contribuem para fazer disparar o preço do imobiliário e as vendas de marcas e produtos de luxo.

Começámos por nos habituar ao sotaque brasileiro em salões de cabeleireiro e dentistas. Depois nos serviços de entregas em casa e no comércio em geral. Esta recente vaga de brasileiros milionários também se faz ouvir, mas é nas lojas e restaurantes de luxo na Avenida da Liberdade, e um pouco por todos os bairros mais exclusivos de Lisboa, como Chiado, Lapa, Príncipe Real, e na linha de Cascais-Estoril. Do lado de lá do Atlântico ouvem dizer que Lisboa é o novo Leblon, o bairro sofisticado do Rio de Janeiro onde vive a elite carioca, desesperada com a crescente onda de violência nesta cidade.

São donos de grandes empresas, investidores do sector financeiro ou vivem do património adquirido. Ficam surpreendidos com a dinâmica de renovação e modernidade da cidade e aproveitam o clima de segurança para levarem à rua, livremente, carros de luxo, joias e relógios de dezenas e centenas de milhares de euros. Estranham a ausência de mordomias, como a entrega em casa de produtos de farmácia e de alguém nas bombas de gasolina para fazer o abastecimento, mas no balanço final, para já, compensa abraçar o país que no passado era olhado com desinteresse. Ou, quando muito, é visto como ligação a voos para a Europa e onde não fazem questão em pernoitar.

São vários os sinais, agora, de que os cariocas endinheirados, e também os paulistas, mais do que quererem pernoitar, querem ficar. O sinal mais indicativo disto é o tipo de casas que procuram. Os que chegaram há quatro ou cinco anos, com Lisboa apenas como ponte para a Europa, refazem os planos de vida e compram casas de maior dimensão, com quartos suficientes para a família toda e áreas sociais maiores. Os que aterraram mais recentemente pela primeira vez estão na mesma sintonia, acreditando que tão cedo não regressam ao Brasil ou que ficam por cá em temporadas cada vez mais longas.

“Antes compravam apartamentos de €500 mil, como investimento que dava para o Golden Visa, com 60 metros quadrados, mas sempre muito bem localizados, que depois arrendavam. Agora querem casas com mais de 200 metros quadrados, para a hipótese de ficarem mais tempo”, revela Filipa Frey-Ramos, diretora-geral da imobiliária de luxo Barnes, acrescentando que obter o ‘visto gold’ já não é o objetivo, até porque muitos optam pelo estatuto de residente não-habitual. Os orçamentos estão maiores e há cada vez mais brasileiros com €3 e €4 milhões disponíveis para gastar na compra de um apartamento. Em termos numéricos, até há um abrandamento — refere a responsável da Barnes —, mas os que aparecem agora têm mais dinheiro para gastar numa casa do que aqueles que apareciam anteriormente.

Prédios sem lojas (por causa do barulho), com fachada antiga e garagem são algumas das exigências, às quais se somam os quartos todos em suite, ar condicionado e aquecimento central, cozinhas e casas de banho modernas, com muitas tomadas de eletricidade e espelho com televisão incorporada, por exemplo. Mais difícil de satisfazer é a exigência de porteiro 24 horas por dia, como é comum no Brasil e praticamente inexistente em Lisboa. Apesar de apreciarem as fachadas com charme e os tetos com pé-direito alto,

Apesar de apreciar as fachadas com charme e os tetos com pé-direito alto, muitos brasileiros não são sensíveis à história contida nas paredes pintadas com frescos, sendo recorrente mandarem cobri-los de branco

muitos destes brasileiros não são sensíveis à história contida nas paredes pintadas com frescos ou acham ‘cansativo’ conviver com eles diariamente, sendo recorrente mandarem cobri-los de branco.

Um tanque para lavar a roupa e empregada em permanência, que os acompanhe nas inúmeras viagens, são outras das condições. “Têm empregadas no Brasil, que também podem trazer, mas querem uma cá que faça a manutenção da casa, que leve o cão a passear durante as suas ausências e que viaje com eles para cuidar do cão quando o levam, por exemplo, para as férias na neve”, explica Filipa Frey-Ramos. No contexto dos que chegam para ficar, o quarto com casa de banho para a empregada é condição *sine qua non* para o negócio se concretizar, apesar de poderem deixar isso cair, caso se apaixonem por uma casa.

O crescimento das extravagâncias e do orçamento disponível para gastar é acompanhado pelo aumento das precauções com a proveniência do dinheiro e a idoneidade dos potenciais compradores de casas. Uma nova lei portuguesa, a vigorar desde julho, obriga as imobiliárias a preencherem um formulário, antes de o negócio ser assinado, onde é perguntado ao cliente se é uma pessoa politicamente exposta, ou com cargos públicos ou políticos, e qual é a origem do dinheiro que está a utilizar, para controlar eventuais branqueamentos de capitais. A razão? Os vários foragidos da Operação Lava Jato que já foram localizados em Portugal.

Filipa Frey-Ramos defende que nem todos os milionários brasileiros que estão em Portugal encaixam neste perfil. Mas reconhece que já vendeu casas a clientes que, na altura do negócio, tinham a ‘ficha limpa’ e que mais tarde vieram a ser indiciados no âmbito das investigações da Polícia Federal do Brasil, ao esquema de corrupção e lavagem de dinheiro de subornos, que envolve a empresa petrolífera Petrobras, construtoras de obras públicas, políticos e empresários. Os que conseguem ficar cá sem serem extraditados já não voltam. “Viajam para a neve, para Gstaad ou Megève, mas não vão ao Brasil, para não serem presos”, remata a diretora-geral da Barnes, aludindo às estâncias de esqui na Suíça e em França.

Débora Cavalcanti (46) e António Lage (50) encaixam no perfil mais comum (e menos problemático) dos brasileiros que começam por olhar para Portugal como um poiso fora do Brasil, e um ponto de partida para outros destinos, mas que acabam por levar Lisboa mais a sério. Débora tem um fundo de investimento fechado e António é proprietário de uma empresa com 2000 funcionários, que presta serviços ao Governo e a instituições públicas. Até agora, e desde 2013, o casal fica por cá em temporadas, mais longas nas férias escolares em janeiro e julho, porque ambos têm filhos adolescentes de casamentos anteriores.

Trocaram o condomínio fechado e com seguranças armados na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, pela quietude da Lapa, onde se deleitam com a hipótese (inimaginável no Brasil) de fazerem uma vida a pé. Instalaram-se numa casa unifamiliar com três pisos, pátio e terraço (comprada por €1,4 milhões, mas que já vale quase €2,5 milhões), mas



NEGÓCIO Filipa Frey-Ramos, diretora-geral da imobiliária de luxo Barnes, admite que obter o 'visto gold' já não é o objetivo dos brasileiros. Os orçamentos estão maiores e há cada vez mais recém-chegados com €3 e €4 milhões disponíveis para gastar na compra de um apartamento; Nuno do Carmo Costa, diretor de marketing e relações públicas da Porsche, revela que "os brasileiros estão muito focados no 911 e no Boxster e têm uma dinâmica diferente de outros clientes porque querem os carros feitos à medida"



isso não querem gastar muito dinheiro, como há aqueles que querem viver bem e pagar o preço disso", refere Pedro D'Orey, explicando que estes clientes chegam à QuartoSala para validar o projeto feito por um ateliê de arquitetura no Brasil, que é o responsável pela escolha do mobiliário.

Se as peças icônicas de designers brasileiros de renome, como Sérgio Rodrigues, Paulo Mendes da Rocha e os irmãos Campana, são bastante procuradas, são as grandes marcas europeias de design, como a Minotti e a B&B Italia, que se apresentam mais aliciantes, por no Brasil serem quatro vezes mais caras. Pedro D'Orey define os compradores brasileiros como muito sofisticados e conhecedores de design, além de quererem ter em casa no dia seguinte tudo o que compram. Em média gastam com os interiores entre €750 e €1250 por metro quadrado, o que para uma casa com 200 metros quadrados (a área mínima que agora compram) significa entre €150 mil e €250 mil em mobiliário e decoração.

Renata Lima conhece bem o movimento Brasil-Portugal/Portugal-Brasil, porque é a história da sua vida desde 1986, altura em que casa com o filho do fundador dos hotéis Dom Carlos. Carioca por nascimento, Renata acaba por adotar Lisboa como morada intermitente ao longo destas mais de três décadas, tendo voltado a casar com outro português (da família Espírito Santo) depois do divórcio do primeiro marido. Proprietária da editora brasileira Nau das Letras, dedica-se à edição de livros, nomeadamente na área artística, e ao intercâmbio cultural entre os dois países, trazendo para Portugal os participantes brasileiros nas residências artísticas da Vista Alegre, por exemplo.

Compra a primeira casa em Lisboa em 1994, no Chiado, e recorda-se de ser questionada sobre o interesse de Portugal por amigos brasileiros, os tais que têm na cabeça a imagem de um país cinzento e onde não há nada para fazer. Na época, o destino de eleição para brasileiros ricos era Miami e ao longo dos últimos dez anos é por lá que compram casa, muito incentivados pela descida do preço do imobiliário nos Estados Unidos devido à crise do *subprime*. A transformação de Portugal para melhor e do Brasil para pior é o alinhamento que faz os brasileiros verem o 'país irmão' com outros olhos.

"Chegam e encontram um país seguro, que é a principal razão, apartamentos lindos com preços

têm debaixo de olho uma casa ainda maior para alojar filhos, noras e outros familiares, por períodos mais longos.

Quando estão só os dois permanecem por dez dias e é quando exploram os recantos da cidade. Já conhecem a movida de luxo por onde circulam outros brasileiros em igualdade de circunstâncias, como o restaurante Jncquoi, mas o que lhes enche as medidas não são os ambientes sofisticados. Preferem as tascas que lhes garantem a experiência da verdadeira alma lisboeta, feita de pessoas e sabores genuínos. São também assíduos na Tartaria, no Mercado da Ribeira, e em todos os restaurantes de José Avillez.

É com estes novos lisboetas brasileiros em vista que Pedro D'Orey, dono do QuartoSala, posiciona cada vez mais o seu negócio de design de interiores, que tem o principal cartão de visita na Casa Pau-Brasil, num *showroom* onde apresenta mobiliário

contemporâneo de designers brasileiros. Recusa a ideia de que a maioria dos brasileiros muito ricos esteja em fuga da Lava Jato e considera que a motivação de muitos é mesmo a qualidade de vida. Nesta matéria, a QuartoSala contribui nos projetos dos interiores das casas, capitalizando o conhecimento dos principais arquitetos brasileiros, tendo em conta que durante décadas foi responsável pela exportação de marcas europeias de design para o Brasil, através de uma loja própria em São Paulo.

Com a crise no Brasil, o negócio começa a revelar-se menos interessante, a loja é encerrada e Pedro D'Orey troca a exportação para o Brasil pela importação de mobiliário brasileiro para Portugal, em 2015, percebendo que aqui se está a criar um novo mercado. "Há três, quatro anos vinham para ficar um mês, agora compram casa para ficarem mais tempo. Dentro deste grupo há aqueles para quem a casa de Lisboa não é a primeira casa, e por

razoáveis, a mesma língua e uma cultura semelhante. Isto torna Portugal mais confortável para morar do que os Estados Unidos e ainda por cima estão na Europa”, refere Renata Lima, para justificar a mudança de preferência. A partir do momento em que um vem, há muitos outros que o seguem, em busca do novo eldorado do *jet set* brasileiro. “Comem no Jncquoi, viajam até ao Douro e à Comporta, e fazem compras na Avenida da Liberdade e no El Corte Inglés, onde vejo que 90% dos clientes são brasileiros”, relata. Apesar de conhecer bem este circuito, Renata Lima é uma *outsider*, por já ter um núcleo antigo de amigos, não só portugueses como brasileiros ligados ao meio artístico e cultural, que, como ela, vivem cá há várias décadas.

Habituada às movimentações cíclicas do topo da pirâmide social brasileira, a proprietária da Nau das Letras duvida que estes estejam para ficar sem data de regresso. “Alguns já voltaram, principalmente os mais velhos com 50, 60 anos, porque não conhecem ninguém e estão sozinhos, com os filhos a estudar fora, e acabam por ficar no ‘gueto brasileiro’. No início tudo é novidade, mas depois de um tempo falta a família e a identidade”, argumenta Renata Lima, considerando que o regresso dos que estão cá, no prazo de dois ou três anos, será efetivo assim que o Brasil melhorar.

Para já, o número de vistos de autorização de residência para atividades de investimento (ARI), vulgarmente conhecidos como ‘vistos Gold’, indica que o êxodo brasileiro está a crescer. No primeiro semestre de 2019, foram concedidos a brasileiros 111 vistos com estas características, face aos 88 atribuídos no mesmo período em 2018, segundo os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). A isto soma-se o crescimento das autorizações de residência a familiares reagrupados de titulares de ARI, que nos primeiros seis meses deste ano ascenderam a 156 (136 no mesmo período em 2018). Isto significa que os milionários que já cá estão solicitam a permanência da família, na tal perspectiva de estarem para ficar.

Desde que foram criados (em outubro de 2012) até junho de 2019, foram atribuídos 764 ‘vistos Gold’ a brasileiros, com um investimento global de cerca de €617 milhões. Ficam fora desta estatística os que nasceram no Brasil, mas que têm nacionalidade portuguesa e que engrossam para um número desconhecido a quantidade de brasileiros milionários a viverem em território nacional. Em matéria de autorização de residência para atividades de investimento, o Brasil só é superado pela China, com 4291 ‘vistos gold’ e um investimento total de quase €2,5 mil milhões.

No primeiro semestre de 2019, a aquisição de imóveis de valor igual ou superior a €500 mil é o principal motivo dos brasileiros para o pedido de residência (91), seguido pela transferência de capital igual ou superior a €1 milhão (14), a aquisição de imóveis construídos há pelo menos 30 anos para realizar obras de reabilitação (4) e a criação de pelo menos 10 postos de trabalho (2), num total de €81 milhões investidos neste período. Nos primeiros seis meses de 2018, o valor captado aos brasileiros foi de €73 milhões, o que lhes dava a terceira posição em termos de investimento em Portugal.



‘LISBOETA’ Renata Lima, carioca, fotografada em Lisboa, onde chegou em 1986. É testemunha privilegiada da chegada de muitos brasileiros a Portugal

Priscila Szafrir, proprietária e designer das joias Pricci, alega a sobejamente referida segurança como razão para estar em Portugal, onde abriu em Cascais uma joalheria com a sua marca, além de ter pontos de venda em vários hotéis de luxo. Diz que não aprecia muito a ‘badalação’, mas gosta de ir ao Jncquoi nas duas vezes por semana que vem a Lisboa. “Tenho 50 anos e a minha marca tem 23 anos, trabalhei sempre. Aqui tenho um estilo de vida saudável. Trabalho o dia inteiro, mas, como sou ciclista, gosto de pedalar e fico muito por Cascais”, revela.

Priscila, irmã gémea do ator brasileiro Luciano Szafrir (ex-marido da apresentadora Xuxa), defende que a vinda para Portugal tem de ser programada. “Tem muita burocracia, tanta como no Brasil ou até mais, e o português é muito diferente do brasileiro. É um erro enorme não ter amigos portugueses e acho que agora os brasileiros estão a integrar-se com mais base”, argumenta. A integração de Priscila Szafrir em Portugal extravasa a joalheria e é solidificada com os negócios do marido, Benjamin Katz, novo proprietário da Marina de Cascais, sobre quem pendem alegações noticiadas na imprensa brasileira que o envolvem com lavagem de dinheiro.

Lauro Jardim, jornalista e colunista do jornal “O Globo” que acompanha a Operação Lava Jato, escreveu na sua coluna, a 7 de maio de 2019, que “o

doleiro carioca Benjamin Katz, que apareceu na delação de José Antunes Sobrinho, dono da Engenix, como intermediário de propinas para Eduardo Cunha, organizou no fim de semana uma festança de casamento para o seu filho no Hotel Seteais, um cinco estrelas localizado num palácio do século XVIII, em Sintra, Portugal”.

No mesmo artigo, o colunista de “O Globo” referia que “o rapaz se casara no Brasil. Mas como Katz não pisa no Brasil nem por um decreto, fez-se uma nova cerimónia em Portugal”. Os casamentos de brasileiros em Portugal são uma realidade crescente (principalmente na Comporta), seja por impossibilidade de regresso ao Brasil ou por simples desejo de um casamento no novo destino do *jet set* brasileiro. Em março deste ano, a TV Globo já tinha surpreendido, no Porto, José Carlos Lavouras, foragido da Lava Jato, por alegadamente ser o responsável pela articulação do pagamento de subornos a autoridades do Estado do Rio de Janeiro.

Em Portugal, José Carlos Lavouras é o proprietário da empresa de transportes Gondomarense e das Águas de Carvalhelhos, e o Ministério Público está a investigar a hipótese de ter sido lavado dinheiro do Brasil através destas empresas. A reportagem do “Fantástico”, programa da TV Globo que seguiu José Carlos Lavouras no Porto durante vários dias, salientava o apartamento na Boavista onde mora (registado em nome da mãe) e o automóvel de luxo com motorista no qual se desloca. A par com as casas com muitos metros quadrados e todas as modernidades, os automóveis de luxo são outro dos alvos de consumo.



Na Porsche, os brasileiros são mesmo os maiores compradores. Começam pelos modelos descapotáveis. É a concretização do sonho de conduzir um 'esportivo' em total segurança...

Na Porsche, os brasileiros são mesmo os maiores compradores. Começam pelos modelos descapotáveis — a concretização do sonho de conduzir um 'esportivo' em total segurança —, mas trazem entusiasmo (e orçamento) para comprar mais dois ou três modelos com capacidade para mais passageiros. Nuno do Carmo Costa, diretor de marketing e relações públicas da Porsche, revela que “os brasileiros estão muito focados no 911 e no Boxster e têm uma dinâmica diferente de outros clientes porque querem os carros feitos à medida. Escolhem o tipo de pele, o material do *tablier*, personalizam os assentos, afinam a cor para o tom que mais gostam e querem o nome assinado na soleira da porta, por exemplo”.

Este nível de detalhe faz o preço de um Porsche 911, por exemplo, ascender a €250 mil. Depois da encomenda, a ida à fábrica na Alemanha, em Estugarda ou em Leipzig, para regressarem ao volante do novo Porsche, é uma experiência que fazem questão de concretizar. Cayenne e Macan são os outros modelos que lhes completam a frota automóvel, da qual excluem o Panamera. Na opção por esta marca, os brasileiros são os 'novos angolanos', que no passado foram os grandes compradores da Porsche, mas que entretanto desapareceram.

As exigências, principalmente em termos de atendimento, está a levar a Porsche a criar novos serviços, como a recolha e entrega dos carros em casa para irem à revisão, áreas de lazer e de trabalho nos concessionários, enquanto esperam que o serviço seja concretizado, e palestras sobre automóveis clássicos. A loucura por esta marca (e por

Portugal) é tal que a Porsche organiza este fim de semana a competição Carrera Cup Brasil, no Circuito do Estoril, que traz até cá 70 automóveis vindos do Brasil. A prova é disputada entre milionários brasileiros donos do modelo Carrera e alguns pilotos profissionais, como Nelson Piquet Junior, filho de Nelson Piquet, e um par de pilotos portugueses, também profissionais.

Nuno Carmo Costa refere que os brasileiros encontram-se essencialmente em Lisboa, em Cascais e no Porto, com um foco maior na Quinta da Marinha e na Quinta Patiño, ambas em Cascais, tendo em conta que o centro de serviços da Porsche no Estoril é o que concentra mais clientes desta nacionalidade. A dinâmica nesta zona não é alheia ao regresso de José Avillez à vila onde nasceu, com a abertura de um restaurante Cantinho do Avillez, na Rua da Palmeira. Também a Casa Pau-Brasil aproveita a onda verde e amarela em Cascais e acaba de inaugurar um segundo ponto de venda na Avenida Valbom, onde anteriormente se encontrava uma loja Zara.

Rui Gomes Araújo, sócio-fundador da Casa Pau-Brasil, explica que o conceito que lançou em 2017 no Príncipe Real, com 17 marcas de luxo brasileiras (hoje são quase 30) funciona como um *showroom* e balão de ensaio de marcas que querem crescer não só em Portugal como no resto da Europa. Em Lisboa, a maioria dos visitantes do espaço são turistas (crescem os portugueses e residentes estrangeiros devido à abertura da Livraria da Travessa) e há a necessidade de proximidade com residentes portugueses e estrangeiros. O novo espaço

cascalense tem 18 marcas, das quais três que não estão presentes na Pau-Brasil em Lisboa.

“A comunidade brasileira é muito forte em Cascais e há muitos que querem desenvolver marcas cá, com um *showroom* para distribuidores e importadores internacionais”, refere Rui Gomes Araújo, justificando a estratégia do salto brasileiro para a Europa através de Portugal. Nesta linha, a Pau-Brasil está a preparar uma abertura em Londres, em Covent Garden, onde irá chegar com algumas das marcas de moda, cosmética, acessórios e mobiliário contemporâneo que já tem em Lisboa e em Cascais. Os biquínis e roupa de praia Lenny, o vestuário Osklen, o calçado de plástico Melissa e os sabonetes Granado são os produtos-bandeira do portefólio, por terem bastante notoriedade fora do Brasil.

Espaços temporários, em formato *pop-up*, é outro dos caminhos para fazer crescer a presença de marcas de topo Made in Brazil. Carvalhal, Algarve e Porto são as localizações identificadas. O Norte de Portugal, aliás, concentra um número menor de brasileiros, mas o que os leva até lá não é de menos importância, nomeadamente no que diz respeito à produção de vinho. Um dos primeiros (ou dos com maior repercussão nos meios de comunicação nacionais) a comprar quintas no Douro foi Marcelo Faria de Lima, fundador do grupo brasileiro Artesia, que controla a empresa de fabrico de arcas frigoríficas Metalfrio, vários centros comerciais no Brasil e noutros países e as marcas de luxo Le Lis Blanc (vestuário e roupa de casa) e Rosa Chá (biquínis), entre outros negócios.

Em sociedade com o ex-jornalista Tony Smith, Marcelo Faria de Lima começou por comprar a Quinta da Covela, em 2011, à qual somou a Quinta da Boavista, em 2013, na mesma data em que começou a explorar a Quinta das Tecedeiras, e os vinhos da Fundação Eça de Queiroz, em 2017. Apesar de estar nestes negócios em Portugal há oito anos, e de ter uma casa em Lisboa, Marcelo Faria de Lima integra o grupo de brasileiros que continua a fazer vida em São Paulo, deslocando-se até cá com regularidade. Uma das temporadas mais intensas foi em 2012, quando foi um dos candidatos no processo de privatização do Grupo HPP Saúde, atual Lusíadas.

Um perfil semelhante tem João Carlos Paes Mendonça, fundador da rede de supermercados Bomprego (vendidos à cadeia norte-americana Walmart), que em 2012 arrancou na produção de vinho na Quinta Maria Izabel, no Douro. O investimento em Portugal não se fica por esta aquisição e, neste momento, está a projetar a construção de um hotel em xisto nesta propriedade, com 12 a 14 suítes, no qual está a aplicar cerca de €500 mil. De norte a sul do país, de forma permanente ou ainda intermitente, os brasileiros milionários trazem não só investimento como renovam o olhar sobre o país. Por cá diz-se que os brasileiros têm os braços abertos para Portugal, mas que nunca os fecham, como imagem figurativa da superficialidade e inconsequência na abertura ao país colonizador. Parece, afinal, que o abraço está a dar-se. ●